
HIV em primeira pessoa: a comunicação sobre o vírus no canal HDIÁRIO, do youtuber Gabriel Comicholi¹

Phelipe D. Rodrigues da Silva²

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo

Os testemunhos de quem vive com HIV/aids³ são o ponto de partida para entender, neste trabalho, a construção discursiva sobre o vírus e sobre as pessoas infectadas nas reportagens da mídia de massa e, sobretudo, nos depoimentos do canal HDIÁRIO, no YouTube. Como objetivo geral, a proposta deste artigo é verificar a comunicação do HIV nos testemunhos em primeira pessoa no canal do curitibano Gabriel Comicholi. Para isso, foi analisado o conteúdo textual dos seis primeiros vídeos do canal HDIÁRIO, produzidos entre abril e maio de 2016. A partir dos dados coletados e descritos em diários de observação, concluiu-se que a abordagem e o formato em primeira pessoa no YouTube ajudam a aproximar a audiência de um tema que ainda merece atenção e deve ser sempre reavaliado.

Palavras-chave

Testemunho; HIV; aids; Jornalismo científico; YouTube.

1 Introdução

Alison Gertz faleceu em 8 de agosto de 1992. Ela tornou-se conhecida nos Estados Unidos ao contar para o *The New York Times*, em 11 de março de 1989, que estava com aids, então, com 23 anos. O adjetivo *unlikely* (improvável) no título da matéria (*Unlikely AIDS Sufferer's Message: Even You Can Get It⁴*) deixa uma pista clara do motivo que trazia Alison para o centro de uma questão que não parecia ser sua. Ela foi o ponto fora da curva nas imagens e na construção discursiva, quase determinista, usadas pela mídia e por fontes médicas, sobre o público da aids nos primeiros anos de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFPE. Email: phlpeph81@gmail.com

³ De acordo com alguns autores, a grafia de aids, em minúsculas, é uma forma de combate ao estigma que carrega a escrita em caixa alta trazia desde no passado. Nome de doença é substantivo comum (Castilho, 1997).

⁴ Numa tradução livre: Improvável Mensagem de uma Vítima da AIDS: Até você pode pegar.

epidemia: era mulher, moradora da Park Avenue, o trecho mais rico da ilha de Manhattan. Não fazia parte do grupo que estava circunscrito na Doença dos 5H, dos Homossexuais, Hemofílicos, Haitianos, Heroinômanos (usuários de heroína injetável), Hookers (profissionais do sexo em inglês). A matéria publicada naquele sábado dizia:

Agora, Gertz e sua família estão indo a público para levar uma mensagem para os heterossexuais que poderiam cometer um erro potencialmente fatal se rejeitarem a ameaça da AIDS. Uma mensagem para os médicos que podem perder um diagnóstico. Ela passou três semanas submetida a exaustivos exames hospitalares para todas as outras causas concebíveis de sua doença antes que a AIDS fosse descoberta (LAMBERT, 1989, p. 29).

Em seus testemunhos em programas de grande audiência na TV norte-americana, como o Joan Rivers Show, da Fox TV, sempre lembrava que estava naquele lugar de fala para “ajudar muita gente a se prevenir. Poderia ser você no meu lugar”. Seu objetivo era altruísta. Mas um aspecto a ser observado como elemento central da narrativa midiática dessa exposição pública é a repetição do seu trauma. Desde março de 1989 aos dias atuais, o trauma se alargou como categoria e passou a abarcar um conjunto diversificado de eventos, incluindo a separação, o preconceito, o *bullying* e assim por diante. Essa manifestação do testemunho encontra muita relevância na mídia - em programas de televisão e rádio, revistas e jornais -, mas também na internet. Isso, certamente, tem a ver com as mudanças socioculturais do nosso tempo (SACRAMENTO, 2018, p. 131).

Para Sacramento (2018), a ampliação do testemunho na cultura contemporânea demonstra que a função política do testemunho como narrativa de uma experiência-limite por um sobrevivente se expandiu justamente porque as noções de trauma e de sobrevivência estão se ampliando. No caso das pessoas que decidem testemunhar sobre o HIV/aids, esses depoimentos passaram por alterações. Primeiro, a expectativa de vida com o HIV pode ser a mesma de alguém com sorologia negativa para o vírus, quando a adesão às terapias antirretrovirais é feita com acompanhamento profissional, impedindo a debilidade física e a fase avançada do vírus, a aids, como ocorria com mais frequência até o início dos anos 1990. A morte não é mais um futuro anunciado para quem se infectou com o HIV.

A tecnologia do tratamento, obviamente, apresenta outros caminhos possíveis para o testemunho da vida com o vírus. Mas são as ferramentas de narrar em primeira pessoa, nas redes sociais como Facebook, Instagram, Twitter, YouTube, que trazem possibilidades de um testemunho já modificado em seu conteúdo e também, agora, na sua forma. Além de jornais e revistas, a cada um de nós é permitido fazer um diário íntimo, termo usado por Paula Sibilia (2008) para marcar e contrapor a prática que já foi íntima e resguardada, e tornou-se experiência espetacularizada da vida cotidiana, essa escrita de si.

Os alicerces desses relatos recentes tendem a se fincar no próprio eu que assina e narra. Com uma frequência inédita, o eu protagonista – que costuma coincidir com as figuras do autor e do narrador – se torna uma instância capaz de avalizar o que se mostra e o que se diz. A autenticidade e inclusive o valor dessas obras – e, sobretudo, das experiências que elas reportam – apóia-se fortemente na biografia do autor-narrador-personagem (SIBILIA, 2008, p. 197).

É nesse ponto específico, o do relato biográfico, que interessa para este trabalho os seis vídeos produzidos entre abril e maio de 2016 pelo curitibano Gabriel Comicholi, que tinha 20 anos ao descobrir sua sorologia positiva para o HIV. O período selecionado compreende desde a descoberta do vírus, início do tratamento até a interação com profissionais de saúde. O canal HDIÁRIO foi criado para informar de maneira a “descomplicar a comunicação sobre o vírus” para jovens que não sabiam muito sobre uma infecção que atinge, sobretudo, homens com idade entre 20 a 24 anos, segundo dados do Ministério da Saúde em 2018. A sua forma de comunicar é baseada em linguagem informal, típica da internet, e os seis relatados são produzidos em câmera de celular. Ele informa em estética de *reality show*, como se estivesse ao vivo com o interlocutor, desde o momento do diagnóstico, passando por consultas com infectologistas e adesão aos medicamentos, até o assunto mais pedido pelos seguidores do canal: vida amorosa de uma pessoa com sorologia positiva para o vírus.

O objetivo deste artigo é verificar a mudança na comunicação sobre o HIV em relação à mídia massiva a partir da produção discursiva no canal HDIÁRIO. Para isso, são apresentados alguns exemplos de reportagens e testemunhos nos jornais e revistas,

nos primeiros anos da epidemia de HIV/aids, como um segundo plano, para analisar os depoimentos e informações em primeira pessoa do influenciador digital e youtuber Gabriel Comicholi. A análise de discurso foi utilizada nos seis programas do Canal HDIÁRIO para este artigo que tem natureza descritiva. As informações dos diários de campo serão utilizadas como ferramenta de sistematização dos dados para sua posterior análise, sendo os diários compostos da transcrição das falas do youtuber em momentos nos quais ficaram claros os seus esforços para abordar questões como estigma, sexualidade dos homens gays jovens, a população-chave para novas infecções pelo vírus.

Antes, no entanto, é importante para esta pesquisa abordar alguns aspectos da comunicação sobre HIV/aids na mídia brasileira.

2 A comunicação sobre HIV/Aids na mídia brasileira

A divulgação de notícias sobre doenças costuma ter um forte apelo junto ao público, devido ao risco que os males representam para a vida das pessoas (ROBALINHO, 2019, p. 78). Ao pesquisar no acervo da revista *Veja* entre setembro de 1968 e dezembro de 2014, o autor destaca que no grupo das doenças infecciosas, o HIV/AIDS foi a patologia que mais apareceu: 56 vezes.

Sua presença ocorreu a partir da segunda fase da revista (divisão feita em seu estudo, entre 1983-1996), quando o vírus do HIV e os primeiros casos da doença foram descobertos e divulgados na imprensa no início dos anos 1980. (ROBALINHO, 2019, p.85).

Segundo Galvão (2002), nos primeiros anos da década de 1980, como ainda não existiam publicações da medicina sobre o assunto e o governo relutava em se posicionar publicamente diante da doença, a mídia pode ser vista como o principal espaço para que a população pudesse compreender a doença. Para a pesquisadora, isso faz da mídia “atriz e autora” da Aids (GALVÃO, 2002 apud ALMEIDA, 2017, p.70). As primeiras notícias sobre a aids na mídia brasileira são do início dos anos 1980. Em 12 de julho de 1983, o *Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro, veicula os primeiros casos da doença no

país: “Brasil registra dois casos de câncer gay”. Nas reportagens, leitores e espectadores brasileiros veem a AIDS associada a uma síndrome ou ao câncer, enquanto enfermidade, via marcas que tratam de lembrar o caráter irreversível da doença. Porém, há algo mais nessa doença, quando as mídias tratam de qualificá-la como uma enfermidade “muito particular”: são pacientes especiais, por exemplo, os homossexuais” (FAUSTO NETO, 1999, p. 43).

Através de exemplos de manchetes no momento que ainda se não tinha informações claras sobre a epidemia, o autor mostra um título do jornal Correio Braziliense em 16 de outubro de 1983: “O Segredo da AIDS, misteriosa enfermidade mortal que desencadeou uma onda de pânico entre homossexuais hemofílicos e viciados em drogas”. Na fase inaugural da doença pela mídia brasileira, o autor pontua o uso de metáforas e de uma “uma argumentação de causa e efeito entre AIDS e sexualidade”.

Fausto Neto (1999) apresenta na pesquisa em quatro jornais nacionais (O Globo, Folha de São Paulo, Correio Braziliense e A Tarde) nos anos 1983 a 1995 que o pique do noticiário se deu entre 1987-1990.

Poder-se-iam apontar alguns fatos como justificativa para esses registros: 1) domínio de parte das instituições públicas das ocorrências sobre AIDS, e de sua respectiva visibilidade; 2) disputas dos diferentes setores no âmbito da saúde sobre a corrida em torno de questões como pesquisa e possíveis caminhos da cura; 3) revelações de estudos do setor farmacêutico sobre o uso de drogas e remédios; “4) explosão” de matérias envolvendo o “lado civil” da AIDS, relativo aos seus efeitos sociais, em termos de cidadania; 5) “tomada de fôlego do processo de disseminação, especialmente com a explosão de casos em segmentos que extrapolam aos universos inicialmente circunscritos pelas pesquisas e dados epidemiológicos” (p. 37).

Como destaca Biancarelli (1997), a imprensa imprimiu um caráter sensacionalista à epidemia, chegando a chamá-la de “peste gay”. Houve, de acordo com sua pesquisa, uma revisão dessa postura:

[...] a maioria da imprensa evoluiu, aprendeu e adotou atitudes politicamente corretas, como se diz. Por exemplo, com exceção do uso em títulos, a palavra 'aidético' foi substituída por doentes de AIDS ou portador do HIV. Grupos de risco passaram a ser grupos mais expostos a risco. E drogados viraram dependentes ou usuários de droga. (p.143)

Agora, importa para esta pesquisa mostrar como a comunicação sobre HIV/aids ganhou novos contornos a partir dos testemunhos.

3 A aids no tempo dos testemunhos

O que se vive atualmente, especialmente no contexto da presença da televisão e da internet na vida social e pelo rearranjo da subjetividade a partir da moral do espetáculo, é uma passagem do “grande testemunho” para o “pequeno testemunho”, de um relato sobre acontecimentos relacionados a processos de sistemática violência estatal contra determinados grupos sociais à exposição de experiências cotidianas de sofrimento (SACRAMENTO, 2018, p. 126). No trajeto cronológico da análise comparativa deste trabalho, esses testemunhos começam a ser vistos a partir do depoimento de Alison Gertz, citada na introdução, para situarmos um primeiro caso de testemunha da aids com forte impacto na mídia. Mulher, de classe média alta, contraiu o vírus HIV “de um garçom bissexual, aos 16 anos”, como contava em suas entrevistas, marcando não se tratar de uma pessoa que estivesse circunscrita à população-chave para a infecção. Primeiro, testemunhou sobre sua doença ao *The New York Times*, em março de 1989, mostrando sua condição de vítima de uma fatalidade que, ela reiterava poder acontecer com qualquer. “Inclusive, você”. Para Vaz, Santos e Andrade (2014), diferente de confessar, o ato de testemunhar é dar evidência do que aconteceu ou do que se experimentou. Quando trata da experiência, o testemunho tende a ser um discurso de vítima.

Além da TV e dos jornais, a força do seu relato interessou à literatura e ao cinema. Em *Fatal Love*, filme de 1992 para a rede de ABC, nos Estados Unidos, Molly Ringwald, atriz de produções adolescentes dos anos 1980, surge no papel de Alison Gertz. A garota que tornou-se porta-voz da prevenção da aids no mundo, com o filme sobre sua experiência exibido repetidamente na *Sessão da Tarde*, da TV Globo, e nas escolas da rede pública e particular no Brasil, na tentativa de orientar um público de

espectadores que, a princípio, não falaria sobre a doença nos primeiros anos da epidemia, quando os termos mais usados para classificar a patologia eram "câncer gay" ou "peste rosa". O propósito altruísta da exposição da moça que foi eleita Mulher do Ano pela revista *Esquire*, em agosto de 1989, estava muito claro.

Ali Gertz tem AIDS agora. [...] desde que foi diagnosticada no ano passado, ela se comprometeu com o objetivo de educar o público sobre a AIDS. Ela formou um grupo – o Love Heals - que arrecada dinheiro para a causa e está escrevendo um livro com Mathilde Krim. Decidida a desfazer as suposições atuais e recorrentes - de que a AIDS é uma doença dos gays, dos pobres, dos viciados -, Gertz tem dado palestras sobre sua experiência para estudantes do ensino médio e da faculdade. "Eu não estou com uma aparência doentia ou assustadora", diz ela. "Eles sabem que poderiam ser eu" (*ESQUIRE Magazine*, 1989, p. 102).

De acordo com Vaz, Santos e Andrade (2014), o gesto de narrar no espaço público a experiência de ter sido vítima, além de supostamente contribuir para o bem comum por evitar que outros passem por experiência semelhante, tem uma função terapêutica, pois elevaria a autoestima.

O testemunho pressupõe, ainda, que todos os interlocutores estão em igualdade. Posiciona o indivíduo qualquer como tolerante e compassivo.

Por se endereçar ao indivíduo qualquer e por lançar um desafio aos intolerantes, o testemunho, ao contrário da confissão, não fica restrito ao espaço privado. Em parte pelo fato de a Internet permitir que indivíduos quaisquer enviem mensagens à distância para muitos, torna-se perceptível uma espécie de explosão do discurso autobiográfico na cultura contemporânea. Mas a razão não é só técnica; afinal, deve haver desejo de se expor, de se revelar. É difícil saber se efetivamente as pessoas falam mais de si hoje do que antes, dada a relevância das práticas confessionais nas culturas moderna e pré-moderna. Mas é certamente verdade que o predomínio do testemunho sobre a confissão dá maior visibilidade ao discurso autobiográfico, pois sua dinâmica terapêutica requer a ida ao espaço público e não o segredo (VAZ; SANTOS; ANDRADE, 2014, p.3).

Na produção autobiográfica nos canais do YouTube de pessoas vivendo com o HIV, como o do curitibano Gabriel Comicholi, a função terapêutica é observada em, pelo menos, quatro dos seis vídeos analisados. Seus testemunhos enfatizam sobre a permanência do estigma no campo da sexualidade, como já se observava nas primeiras notícias do vírus na mídia massiva. "O quadro de saúde mudou. A imagem sobre esse

quadro parece não ter mudado”, defendia Gabriel Estrela, primeiro youtuber brasileiro a surgir com seu canal *Boa Sorte* para falar da vida com HIV, em julho de 2015, durante entrevista para o canal *Jout Jout Prazer*.

Na análise dos diários em rede de Gabriel Comicholi e no de outros youtubers que relatam suas vidas com o HIV, é necessário notificar uma mudança no valor do testemunhos, como afirma Sacramento. Há cada vez mais uma exigência para apresentar a si mesmo não apenas em constante recuperação, mas na transformação da sobrevivência num princípio normativo para a subjetividade contemporânea.

Observemos também que a testemunha contemporânea raramente é a única autora de seu testemunho: sua deposição é moldada por especialistas e instituições que registram, classificam, arquivam, publicam e divulgam testemunhos, mas também – e principalmente – por normas tácitas, modelos estéticos e expectativas políticas que informam a produção do testemunho e sua recepção em determinado contexto. (SACRAMENTO, 2018).

A seguir, este artigo mostra como, a partir dos testemunhos de Gabriel Comicholi, há uma mudança na comunicação sobre HIV/aids em relação à mídia massiva.

4 A comunicação sobre HIV/AIDs nos testemunhos de Gabriel Comicholi

Figura 1 - capa do primeiro vídeo de Gabriel Comicholi no seu canal HDIÁRIO no YouTube



“Oi, meu nome é Gabriel Comicholi e eu acabei de descobrir que eu tenho HIV”. A pausa dramática de 15 segundos tem uma tela preta e a música Jolly Garden, de Emily Shepard. Os recursos de edição do material e a desenvoltura com sua câmera mostram que o curitibano de 20 anos é o típico representante da geração Y, ou Millennial, os nascidos entre 1981-1996, com intimidade na linguagem usada em redes sociais. No seu primeiro vídeo para o HDIÁRIO, canal do YouTube criado em 1º de abril de 2016, ele inicia a trajetória mostrando o que era uma suspeita de caxumba que o levou a colher sangue para os exames que resultaram no diagnóstico positivo para o HIV. A narração ocorre com o acréscimos de imagens feitas no celular. Dessa forma, o testemunho inaugural leva a crer que Gabriel Comicholi fez um depoimento em tempo real, nos moldes dos realities shows. Sensação enfatizada nos segundos iniciais do seu HDIÁRIO #1: “Eu acabei de descobrir que tenho HIV. Páh”. A estratégia é eficiente para manter a atenção para uma questão importante. Essa estreia alcançou 267.443 mil visualizações.

Ela narrava, além da revelação do HIV, que seu exame aguardado com ansiedade foi disponibilizado pelo laboratório na internet. Sem aconselhamento, acolhimento e sem orientação. Sendo assim, a tabela do Western Blot, análise usada para a confirmação de uma primeira amostra positiva de HIV, é vista na tela por seus espectadores, em busca de respostas. “Um jovem saberia ler isso? Não. Não saberia ler isso”. Seu testemunho revela a incompreensão de dados laboratoriais, e antes, a questão da informação e seu impacto com a chegada da internet, como se cada acontecimento novo fosse autoexplicativo, a partir de uma consulta em sites de busca. “Porque a internet pode matar de susto quem quer saber da suspeita de doença”, comentava o youtuber usando a metonímia para ampliar a significação do termo internet, que compreende desde páginas pessoais, informativos institucionais e matérias na imprensa. O preconceito é a outra motivação para esse vídeo inicial, corroborando o sentido de “acabar com a ignorância nesse universo”, sendo ele mesmo, um reproduzidor de desconhecimento sobre a sua nova condição, mas deixando isso claro ao reforçar: “eu ainda não sei de nada”. Sua ideia da medicação, por exemplo, é antiga. Antes de iniciar o tratamento com a proposta de terapia 3x1, que adota um comprimido por dia, relatava

no HDIÁRIO #2 a necessidade de “tomar um puta coquetel de remédios”. Soropositivo, uma definição constante em seu discurso, hoje, é termo em desuso, trocado por pessoa vivendo com HIV. A conclusão do primeiro programa era uma convocação da audiência para conversar e fazer perguntas.

O HDIÁRIO #2, o “início do tratamento”, surge como um agradecimento a “todos vocês. porque vocês são muito fofos”, retomando a ideia terapêutica do testemunho, apresentada na seção anterior. Além de explicitar que, embora feita em seu quarto, na solidão, toda comunicação requer a existência do outro, do mundo, do alheio, do não-eu, por isso todo discurso é dialógico e polifônico, inclusive os monólogos e os diários íntimos: sua natureza é sempre intersubjetiva (SIBILIA, 2008, p.32). Gabriel Comicholi agradece: “toda essa comoção. E todas as mensagens que recebi. Vocês não tem noção o que foi isso aqui dentro”, e relatava sua felicidade com a troca de carinho. No momento seguinte, entra na parte do primeiro contato com um médico infectologista, para ser orientado e ter acesso aos antirretrovirais que controlariam a quantidade de HIV no organismo. “Se consulte com milhões de médicos, com milhões de personalidades e milhões de opiniões para achar uma pessoa melhor pra te acompanhar”.

O primeiro profissional a atendê-lo pareceu-lhe preconceituoso, sugerindo que não deveria contar sobre sua sorologia. “O que vai contra toda a filosofia disso aqui (do canal HDIÁRIO)”. Na sua observação está inclusa a questão da violência simbólica nas faixas mais vulneráveis da população ao buscar serviços de atendimento para o HIV/aids. Esta é uma pauta da medicina contemporânea por envolver questões de gênero, orientação sexual e classe social. Na busca por reportagens na mídia massiva sobre essa relação paciente com HIV x serviço de saúde com os mecanismos de pesquisa como o Google, não houve resultados. O acervo de informações sobre o tema aparece em trabalhos acadêmicos e nos materiais informativos de instituições que trabalham com aconselhamento e acolhimento de pessoas vivendo com o vírus.

No HDIÁRIO #3, a intimidade com a sua audiência já era completa. Gabriel acorda e espreguiça-se diante da câmera, dando continuidade à cena do vídeo anterior, em que estava no quarto tomando o comprimido antes de dormir e narrando os efeitos colaterais. “Como eu li milhões de comentários de pessoas querendo saber como acorda

depois do remédio, acorda assim, com cara amassada”, e apresenta as sensações no terceiro dia, que são, de acordo com ele, 40% do que já sentiu. “Só um calorão”, e saiu de casa para o laboratório onde fez o exame para contagem de células de defesa CD4, verificadas para saber como o corpo está combatendo o HIV. Já na porta do estabelecimento, de partida, surgiu com o braço cheio de sangue, um dos fluidos de transmissão do vírus. Essa falta de restrições poderia ser lida como a parte mais eloquente da sua conversa com os espectadores. O recurso não foi introduzido na comunicação de forma direta, mas manteve-se na edição e virou título: Rolou Sangue. De forma naturalizada, sem ‘mimimi”, como Gabriel Comichicoli repetia em alguns episódios. E sem “romantizar” a sua condição, como sugerem críticos dos influenciadores digitais que expõem o HIV nas redes.

Para o vídeo do HDIÁRIO #4, já tinha sido anunciado um esclarecimento sobre contagem de células de defesa e a necessidade dos antirretrovirais para manter o sistema imunológico em funcionamento normal. Tudo mudou. #Chatiado apareceu como o tema do quarto episódio do canal que já contava com 12 mil inscritos (atualmente, são 38 mil). “É muita gente. Quando eu falo muita gente é muita gente. As pessoas estão pedindo muito HDIÁRIO, mas vou ser bem sincero. Não temos material para o HDIÁRIO”. Referia-se ao plano de fazer uma leitura do seu exame a partir de contato com o médico.

Mas ele não me explicou nada. O vídeo será eu pedindo ‘pelo amor de Deus, médicos, vocês precisam saber lidar com pacientes que têm HIV. Vocês precisam abrir a cabeça de vocês, entender que pessoas com HIV não devem ficar no anonimato. Óbvio que várias optam por isso por ser uma opção delas. E não de vocês, médicos’

A interlocução é dirigida aos médicos que, para Gabriel Comicholi, precisariam “abrir a cabeça” sobre a vida com o HIV, e repensar a delicada relação médico e paciente. “Fui num médico que não me explicou nada da minha doença. Isso é bizarro”. Se com o médico que visitou, dizia não poder contar, decidiu abrir o exame, verificar os dados na internet e, se houvesse um infectologista naquele momento, estava pedindo ajuda.

Convocava os profissionais de saúde com “cabeça aberta” a participar do canal e chegava na questão da saúde mental entre pessoas vivendo com HIV. O fato de ser

aconselhado a guardar segredo da sorologia, como ocorreu com ele, de não chegar a dividir no momento da consulta, as perspectivas de um futuro animador, seriam causas para a depressão. “Isso é um puta material para o HDIÁRIO, essa falta de material”, novamente, o youtuber seguia por uma pauta que não parece recorrente no agendamento do HIV pelos grandes veículos de massa. “A gente precisa falar sobre isso. Senão, a população vai se fuder, o índice de pessoas com HIV, jovens com HIV, vai só aumentar. Uma porcentagem de culpa também é dos médicos pondo medo nos pacientes”. Na sequência, em seu quinto diário, Gabriel Comicholi comemorava o contato de profissionais para esclarecer o seu exame.

O HDIÁRIO #5 retornava à questão dos efeitos colaterais, a pedido dos seguidores, tratando ainda da composição da medicação e da origem desses remédios disponibilizados no Sistema Único de Saúde. Por essa característica mais técnica, interessa mais para análise neste trabalho o tema “vida amorosa” no HDIÁRIO #6. Fora dos canais de influenciadores digitais vivendo com HIV, os questionamentos sobre afeto e sexualidade após o diagnóstico, são assuntos que não estão na agenda midiática massiva. A abordagem de revistas ou jornais fica relacionada ao cotidiano de casais sorodivergentes (apenas um HIV positivo) como uma realidade trazida pelo tratamento, que pode levar a carga viral ao nível indetectável, o que impede novas infecções por HIV, ainda que o sexo seja praticado sem preservativo, como apresentado em pesquisas realizadas entre 2007 a 2016. Mas a curiosidade do público do canal não estava restrita a questões epidemiológicas ou medicamentosas. “O que muda na vida de um garoto de 20 anos após o HIV com relação a namoros e vida sexual?”. Esse era o questionamento, mais ligado à afetividade e aceitação.

Gabriel Comicholi formula uma resposta baseada no passado. “Sempre fui uma pessoa normal antes do HIV. Tinha vários aplicativos de encontro no meu celular. Quando ligaram avisando do exame positivo e pediram para repetir, decidi parar com todos os aplicativos que usava até a descoberta”.

O seu juízo moral e uma dose de “autopreconceito” ficam evidentes quando o youtuber faz uma crítica a ele mesmo, a sua geração, e até a pessoas mais velhas que usam aplicativos e não se permitem encontrar alguém legal nas ruas, ao acaso. “Eu era

desses dos relacionamentos virtuais”. Justifica que, no momento, “estava na seca (sem sexo)” pelo excesso de atividades, e não por conta do HIV. “Já beijei na boca, rola toda azaração, só não rolou sexo ainda”, aproveitando para reiterar que “um soropositivo não deixa de transar”, com a ressalva de que pode-se transar sempre, independente da sorologia, “mas de camisinha”. A questão do preservativo já está inserida desde o HDIÁRIO #1, sendo a prevenção, um argumento reforçado por Gabriel Comicholi e por outros influenciadores digitais que compartilham suas experiências da vida com HIV em suas redes.

5 Conclusão

A comunicação de massa sobre a pauta do HIV/aids ganhou novos contornos com a narrativa construída a partir dos testemunhos em primeira pessoa. A princípio, no caso de Alison Gertz, por trazer abordagens e reflexões que não seriam tema de reportagens no período que fontes médicas e dominavam a mídia, no início da epidemia.

Mais recentemente, o agendamento do vírus no campo das notícias está relacionado à produção científica dos avanços na terapia antirretroviral e na possibilidade efetiva de cura, com a eliminação do HIV do genoma de animais vivos, como anunciado pela revista científica *Nature Communications*, em 2 julho de 2019. Dessa maneira, interessa a informação construída na forma de diários em canais de YouTube, como o HDIÁRIO, por trazer uma problemática da doença, ou do estigma associado à ela, numa perspectiva humanizada.

Outro ponto a ser levantado é como falar com as gerações que nasceram junto com a internet e buscam informações sobre saúde e doença nos sites de busca e em redes sociais . De acordo com a pesquisa *Credit Suisse Youth Barometer 2014*, divulgada no site da UNAIDS Brasil, com jovens brasileiros de 16 a 25 anos, para 93% deles, a internet é muito importante, e que, além disso, 63% deles passam mais de duas horas por dia online.

Este artigo e seu levantamento bibliográfico sobre o tema da comunicação do HIV/aids são o início de uma investigação para compreender como jornalistas e comunicadores digitais podem colaborar para reduzir a questão do preconceito.

Referências bibliográficas

ALMEIDA E ALMEIDA, Marília. **Representação Social das pessoas vivendo com HIV/AIDS na mídia impressa**. Universidade Federal de Goiás, 2017.

COMICHOLI, Gabriel. **HDIÁRIO**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/Gabrielcomicholi>>. Acesso em: 10 ju. 2019.

ESQUIRE MAGAZINE. **Alison Gertz, Woman of the year**. Nova Iorque, 1 de agosto de 1989. Disponível : <<https://classic.esquire.com/article/1989/08/01/alison-gertz-woman-of-the-year>> acesso em: 4 de julho de 2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 36 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs). **Textos em Representações Sociais**. 10 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

LAMBERT, Bruce. **Unleakely AIDS sufferer's message: even you can get it**. Nova Iorque, 11 de mar. 1989. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1989/03/11/nyregion/unlikely-aids-sufferer-s-message-even-you-can-get-it.html>>. Acesso em: 03 de jul. 2019

NETO, Antônio Fausto. **Comunicação e mídia impressa**. Estudo sobre a Aids. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

ROBALINHO, Luiz Marcelo Ferraz. **A doença no Jornalismo: análise do noticiário de capa da revista Veja (1968-2014)** Intexto n.45 maio/ago 2019.

SACRAMENTO, Igor. **A era da testemunha: uma história do presente**. Revista Brasileira de História da Mídia n.1 (jan/jun. 2018)

SIBILIA, Paula. **O show do eu**. A intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.

VAZ, P; SANTOS, A; ANDRADE, P.H. **Testemunho e subjetividade contemporânea: narrativas de vítimas de estupro e a construção social da inocência**. Lumina n.2. (dezembro/2014).